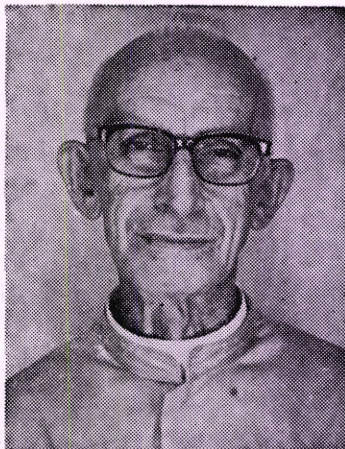


Humaitá, 31 de julho de 1981



Caríssimos irmãos

Na ausência do diretor desta comunidade, apresso-me em pedir orações e sufrágios pelo descanso eterno do

PE. LUIZ BERNARDI

que na madrugada de sábado, dia 18 do corrente mês, nos deixava para voltar à Casa do Pai.

Faleceu no dia de sábado, consagrado a Nossa Senhora. Ele foi sempre devoto de Nossa Senhora, propagando a reza do terço, recomendando a devoção ao Coração Imaculado de Maria, e insistindo na devoção dos primeiros sábados para que houvesse uma leitura ou meditação em honra de Nossa Senhora para gozar do privilégio que prometeu em Fátima. No sábado dia 18, no ofício das leituras, líamos a história da despedida do profeta Elias do profeta Eliseu. O santo profeta ao ser arrebatado pelo carro de fogo, deixou cair o manto que continuou a fazer prodígios nas mãos de Eliseu. Pe. Luiz deixando-nos, não deixou cair o manto, mas nos deixou uma esteia lunosa que brilha por onde passou fazendo o bem: bemaventurados os pés que evangelizam o bem, que evangelizam a paz.

Este benemérito salesiano missionário itinerante do Rio Madeira, trabalhou no Amazonas durante 47 anos, e deles 39 em Humaitá.

Pe. Luiz Bernardi nasceu em Crespano del Grappa, Veneto, aos 14 de março de 1903, filho de José Antônio Bernardi e Isabel Bortolassi, família profundamente cristã que souberam formar os filhos no santo temor de Deus e na prática das virtudes cristãs. Fez os estudos primários na aldeia natal, onde se estudava de verdade, como dizia ele, com aquele método antigo mas eficaz.

Fez o serviço militar durante a primeira guerra mundial. Daquele período contava muitas coisas interessantes. Uma vez um soldado soltou uma blasfêmia contra Nossa Senhora. Pe. Luiz logo puxou o terço e começou a rezar em voz alta. Outros soldados começaram a caçoar dele. Veio um oficial para saber o motivo daquela algazarra o Pe. Luiz explicou: ele soltou uma blasfêmia e eu puxo o terço em desagravo. O oficial respondeu: muito bem, continua a professar sempre abertamente a tua fé. Quando dizia que o ofício dele era lubrificar os fuzís e as metralhadoras, algum irmão lhe dizia: se as armas funcionavam bem e matavam muitos inimigos, ele era o mais responsável. Ele se defendia dizendo: quem obedece canta vitória.

Terminado o serviço militar, passou algum tempo com os pais e depois com o desejo de ser salesiano e missionário entrou no colégio Manfredini, e depois no de Mogliano Veneto. Guardava grata lembrança dos salesianos que lá estavam e frequentemente dizia: como se fazia a Mogliano. Entrou no noviciado e recebeu a batina das mãos do Pe. Candela em 1929. No mesmo ano fez a profissão religiosa nas mãos do Pe. Festini. Finalmente se sentia realizado como filho de Dom Bosco. Por causa dos estudos deixou a batina e veio como salesiano coadjutor para o Brasil. Assim em 1930 já o encontramos no Colégio Dom Bosco de Manaus, como enfermeiro, dispenseiro, roupeiro e professor. Começou a insistir com os superiores para continuar os estudos, e conseguiu licença do Pe. Ricaldone. Assim no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora de Jaboatão, enquanto Dom José Selva, inspetor, dava a batina aos noviços, Pe. Luiz vestiu a batina na sacristia e continuou a servir ao altar.

Em 1936 começou o estudo da teologia no Colégio do Sagrado Coração de Jesus em Recife, onde recebeu a tonsura das mãos de Dom Adalberto Sobral. Foi a São Paulo para os últimos anos de teologia no novo estudantado Pio XI que tantos bons sacerdotes formou para a Congregação e para a Igreja. Os seus colegas de estudos contam que ele apesar de encontrar dificuldade nos estudos, nos exames da cúria, que para muitos eram um espantinho, saiu-se sempre bem, enquanto alguns mais inteligentes, às vezes ficaram reprovados. Finalmente no

Santo Antônio por toda parte, dizendo que a boa imprensa deve estar em todas as famílias. Por 20 anos fazia as desobrigas andando de canôa e mesmo de carona nos motores. Mas quando começou a viajar com o motor da prelazia, ficou muito contente, dizendo que era mais cômodo e o trabalho rendia mais porque podia fazer os programas e executá-los com pontualidade. Agora passo a palavra a alguns irmãos da comunidade.

"Pe. Luiz Bernardi consumiu 40 anos de vida missionária no imo espesso das florestas amazônicas. Quanto cansaço e fome não sofreu! Heroísmo deste assombrou os seus catequizandos que afluíam ao redor dele para ouvir falar de Deus e de Nossa Senhora. Muitas vezes as embarcações o encontravam às margens do Rio Madeira, voltando de uma casa onde preparara para a morte um doente muito grave. O velhinho dava-se por bem pago quando granjeava uma alma para Deus, consolava um doente, enxugava o pranto do infortúnio. Sua vida exemplar foi uma Bíblia viva que milhares de pessoas leram todos os dias". P.S.A.C.

"Pe. Luiz viveu sua vida de consagrado ao 100%, sem esmo-recimentos. Constantemente alegre, irradiava alegria, constantemente pensando em Deus, em Nossa Senhora, em São Domingos Sávio, em Jesus Eucaristia. Foi um salesiano fiel à regra, sem porém ser escrupuloso. Os doentes foram os seus preferidos, por eles se desvelou até ao fim. Dizia que tinha nascido para ser padre missionário. Disto é testemunho o povo que dizia: Pe. Luiz é que é padre. O zelo que tinha em satisfazer o mínimo desejo dos outros, a vontade férrea de um trabalho permeado de espiritualidade, fazem dele um verdadeiro mártir. Foi uma figura extraordinária, cheia de vitalidade, não conhecia o cansaço, o desânimo, a derrota". A.S.

"Esquecido de si mesmo, dedicava-se de corpo e alma aos interesses dos destinatários do Reino de Deus. Na linha do verdadeiro filho de Dom Bosco, salesiano austero e fiel, vivia a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Maria Santíssima, incentivando a importância do Escapulário de Nossa Senhora do Carmo. Visitava os doentes levando-lhes o lenitivo da fé, da esperança e do amor. De Porto Velho a Manicoré, de Indianópolis ao Ipixuna, em cada curva de igarapé ou em cada sombra das frondosas árvores da densa floresta, fica a lembrança viva do bem que este homem de Deus fez. Comunicativo e sério, de espírito alegre e melódico, tinha a paixão pelo canto, nas celebrações litúrgicas, nas instruções catequéticas, nas circunstâncias fraternas e sociais". P.J.F.L.

brava sentado. Foi precisamente um dia que concelebrava comigo, logo depois da consagração teve o primeiro derrame, e foi a última Missa. Levado ao hospital, em poucos dias melhorou e quiz voltar para a comunidade.

Pe. Luiz tinha uma saúde de ferro, quase nunca tomava remédio. Alimentava-se bem, e para ele nunca podiam faltar bananas na mesa, pois nas desobrigas acostumara-se com esta fruta, chegando algumas vezes a comer algumas bananas, tomar dois copos de água, e assim estava feito o almoço e janta.

Conhecia o interior casa por casa, pois sempre passava para benzê-las. Nos primeiros anos de bispo de Humaitá, acompanhou-me nas desobrigas pelos rios, igarapés, lagos e assim pude conhecer as necessidades da prelazia e como ele fazia as desobrigas. Muitas vezes atendendo eu as confissões, reparava como o Pe. Luiz conversava em particular com os homens, aconselhando-os a aproveitar da presença do bispo para se confessar; todos o atendiam. Conversava com muita gente, e assim estava ao par de muitas coisas e problemas que depois relatava aos superiores para que tomassem providências. Ultimamente porém a memória lhe falhava e ele sofria por não lembrar as coisas até as mais necessárias. Na mesa era a alegria da comunidade e toda conversa era dirigida a ele. Apareciam então certas verdades, havia justificativa, e geralmente a razão estava sempre com ele que terminava dizendo: o gato cai sempre de pé. Sabia fazer versos até para rir, como quando, estudante de teologia procurando que lhe fizesse a tonsura, disse: procuro um teólogo a tôa para fazer minha corôa. Aplicava letra de cantos que ele fazia a melodia de outros cantos. Por dez anos de manhã e de noite, quando ia tocar os sinos, subia a torre para dar corda "ao relógio dos pobres" como é chamado o relógio da catedral, e fazia este trabalho com todo prazer e pontualidade, embora lhe custasse subir os 54 degraus da torre.

Desaprovava as danças dizendo que nunca tinha encontrado um autor sório que tivesse aprovado a dança. Repetia frequentemente: as melhores danças não prestam. À vezes nas festas do interior quando ainda se celebrava a Missa na casa do patrão, geralmente depois da parte religiosa, na mesma sala havia dança. Algumas vezes ele colocava a mesa bem no meio da sala e passava a limpo os batizados e casamentos, e tirava certidões. Os interessados na dança impacientes, perguntavam: Pe. Luiz custa muito para terminar?... e assim passava às vezes até meia noite. Outras vezes atava a rede bem no meio da sala e se deitava. Todos o respeitavam porque sabiam que era o zêlo pelas almas que o levava a fazer isto.

Difundia o almanaque do Coração de Jesus, a folhinha de

dia 8 de dezembro de 1940 foi ordenado sacerdote pelo grande arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva.

Conheci Pe. Luiz quando ele era clérigo e eu noviço. Como padre novo em 1940 foi catequista dos aspirantes em Recife e eu assistente. Foi ele que começou a ensinar harmônio aos aspirantes, pois só naquele ano conseguimos o harmônio. Quando dava as boas noites, geralmente fazia o resumo da vida dos santos cuja memória ocorria no dia seguinte.

Aos 20 de janeiro de 1940, Pe. Luiz chegava em Humaitá, que será campo de apostolado tão desejado. Quando em 1929 veio para o Brasil, despedindo-se dos parentes disse: "adeus até o Paraíso". Foi por isso que em 52 anos de Brasil, nem mesmo depois da ordenação, quis voltar à Itália, apesar dos parentes insistirem e os superiores também, dizendo que tinha feito a promessa de não voltar mais. Mesmo quando os irmãos lhe diziam que os superiores o dispensavam da promessa, ele dizia que não queria ser dispensado. Ficou sempre agarrado à batina, e dizia que para ele era o hábito religioso tão desejado, que lhe servia de defesa.

Assinava-se sempre: Pe. Luiz Bernardi, S.D.B. missionário salesiano e às vezes acrescentava: agraciado de São Domingos Sávio. Desde que o conheci, foi sempre um grande devoto de São Domingos Sávio e propagava a devoção distribuindo santinhos e folhetos. Ficou satisfeitiíssimo quando no dia 9 de março de 1979 pôde concelebrar na inauguração da moderna igreja dedicada a São Domingos Sávio em Humaitá. Dizia que sempre o tinha ajudado nos estudos.

Devoto do Sagrado Coração de Jesus, falava muito na comunhão reparadora das primeiras nove sextas feiras. Quando se inaugurou a nova capela de Muanense, dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, onde se conservam as imagens da antiga capela dos Franciscanos de Pedro, ele conseguiu que todos assumissem o compromisso de fazer as nove primeiras sextas feiras do mês, com a comunhão reparadora. Ele nunca falhou, pois houve meses em que remou o dia inteiro para chegar em tempo para as confissões e celebrar a santa Missa. Nos últimos anos, estando na cidade, levava pela manhã e pela tarde a comunhão aos doentes e familiares. Porém tivemos que limitar-lhe a distribuição pois já enxergava pouco, e havia perigo pelas ruas. Ele sentiu mas se resignou. Sofria da vista e por isso lhe mandamos fazer todos os exames, e tendo sido tudo positivo, foi aconselhado a fazer a operação. Ele porém conhecendo três casos de semelhantes operações em Humaitá, que deixaram os pacientes inválidos, não se decidiu a fazê-la. Por isso nos últimos dois anos concelebrava sempre na missa da comunidade, até que também as pernas lhe começaram a tremer e concele-

Caríssimos irmãos, tenho por mim que se um dia se escrevessem os traços biográficos do Pe. Luiz, teríamos "I FIORETTI DO PE. BERNARDI" pois na vida dele há muitíssimos episódios raros, interessantes e instrutivos. Que Deus Nosso Senhor nos mande muitos salesianos que possam imitar e substituir o Pe. Luiz no apostolado nestas selvas amazônicas, onde somente se sente realizado quem à imitação dele, abandona tudo por amor do Reino de Deus. Rezemos por ele e por esta nova Diocese.

Vosso irmão em Dom Bosco

✠ Miguel D'Aversa, Bispo de Humaitá

Dados para o necrológico — Pe. Luiz Bernardi nasceu em Crespano del Grappa-Veneto —acs 14 de março de 1903 e faleceu em Humaitá aos 18 de julho de 1981 aos 78 anos de idade, 52 de profissão, 41 de sacerdócio.